

O RECURSO CINEMATOGRAFICO COMO FERRAMENTA EM SALA DE AULA

Ana Paula Rodrigues da Silva¹
Tania Nunes Davi²

RESUMO: A escola do século XXI conta com diversas tecnologias e inovações que estão à disposição de todos, exigindo dos docentes cada vez mais preparo e novidades em suas aulas. Um dos nossos objetivos com o presente trabalho é mostrar como tem sido a utilização do recurso cinematográfico em sala de aula. Acreditamos que o cinema, quando trabalhado de forma pedagogicamente correta, pode ser uma poderosa ferramenta em prol de aulas produtivas e dinâmicas. Utilizamos, para a realização da pesquisa, várias bibliografias que abordam o assunto sobre diversos ângulos. Além disso, realizamos um trabalho de campo, por meio de observação e questionário, em uma escola da rede pública estadual do município de Monte Carmelo, Minas Gerais. Encontramos resultados que não condizem com o proposto pelos estudiosos nos quais embasamos a pesquisa. Tais resultados indicaram que, na maioria das vezes, os filmes são utilizados como “vídeo enrolação”, não possuindo, portanto, um teor didático, sendo aplicados apenas para suprir a falta de um profissional ou, às vezes, para introduzir alguma atividade, porém sem o devido aprofundamento por parte do professor e dos alunos.

PALAVRAS CHAVE: Educação; Professores; Cinema.

ABSTRACT: The school of the XXI century has several technologies and innovations that are available to all, requiring teacher preparation and more novelties in their classes. One of our goals with this paper is to show how it has been the use of the feature film in the classroom. We believe that the cinema, when worked in a pedagogically correct, can be a powerful tool in favor of productive and dynamic classes. Used for the research, several bibliographies that have addressed the issue on different angles and did field work, through observation and questionnaires in a public school in the state of the city of Monte Carmelo - MG. Found results that did not fit with the proposed by scholars in which grounded the research, these observations indicate that, in most cases, the films are used as "video bullshit," and do not have an educational content, being applied only to fill the gap of a professional or sometimes introducing some activity without proper depth by the teacher and student.

KEYWORDS: Education; Teachers; Cinema.

¹ Graduanda em Pedagogia pela FACIHUS/FUCAMP. E-mail: anitcharsilva@gmail.com

² Doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Docente FACIHUS/FUCAMP.

Introdução

O cinema vem encantando e impressionando pessoas há mais de cem anos, o que não significa que tem sido utilizado como recurso didático em sala de aula. O fato de encantar e distrair multidões não o tornou mais popular no meio pedagógico, o qual, invariavelmente, se esquece de que vivemos no século da imagem, do movimento e das histórias e heróis desenvolvidos pelo cinema e televisão, concentrando-se apenas na decodificação da leitura escrita. No entanto, as habilidades e competências para a leitura de imagens em movimento ou estáticas devem também ser desenvolvidas na escola.

Estamos vivenciando tempos nos quais a tecnologia tem sofrido avanços relevantes. Prova disso é o fato de que as pessoas passaram a ter acesso instantâneo, com qualidade e rapidez, a determinadas mídias e informações, ocorrendo até mesmo o acesso a informações ao vivo e o ato de assistir a filmes com qualidade digital em qualquer espaço público ou privado em que estiverem. Parece que a chamada “era digital” contagia a todos. Instrumentos como televisão a cabo, rádio, internet, jornais e a tão esperada TV digital, que passou de um projeto para o estágio realidade, tornam a comunicação e a informação acessíveis não só em casa, mas também na escola.

Por isso, consideramos necessário estudar os caminhos que estão sendo seguidos pelos docentes ao aplicar o recurso cinematográfico em sala de aula. Mediante a atual gama de opções, os educadores, de uma forma geral, parecem não ter uma forma coerente de utilizar recursos tecnológicos em suas aulas. Essa incoerência afeta materiais importantes que, ao invés de serem trabalhados com intenção didática, ajudando no crescimento e aprimoramento das aulas, acabam se tornando um meio de passar o tempo ou cobrir a falta de um profissional. É necessário um novo olhar sobre as formas de aplicação do cinema em escolas, uma vez que trabalhar com o cinema em sala de aula é “ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (NAPOLITANO, 2003, p. 11-12). Assim como esse autor, acreditamos no cinema como cultura e lazer, características essas que devem ser trabalhadas juntas para o crescimento cognitivo dos alunos. Cada criança em sua individualidade consegue se identificar com algo abordado pelos

O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula.

filmes: a música, as roupas das personagens, a cidade na qual foi filmado, etc. Enfim, um filme oferece um vasto campo de trabalho que deve ser aproveitado pelo professor.

Em relação a alguns benefícios oferecidos pelo recurso cinematográfico, precisamos ressaltar o papel do professor que, além de mediador, precisa ser um conhecedor da metodologia aplicada. Um filme não pode fazer e não faz sozinho o papel de despertar o conhecimento em uma criança. Assim, é necessário certo preparo por parte do docente, o qual precisa estar disposto a planejar o que vai apresentar. Para tanto, tem que estudar o tema do filme e descobrir como adequá-lo ao eixo a ser trabalhado, sabendo diferenciar o que é proveitoso do que é apenas cômodo para os alunos e para si mesmo.

“A humanidade aprendeu, desde tempos imemoriais, que contar histórias era uma boa maneira de transmitir conhecimento. O cinema não ficou imune a essa fórmula” (DUARTE, 2002, p. 63). O professor precisa ficar atento a essa “fórmula” e utilizá-la de maneira criativa, pois os alunos leem e decodificam mais facilmente imagens do que palavras, conseguindo, por meio delas, remontar idéias, atitudes, conflitos e histórias que, de outra forma, seriam desinteressantes. “Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais” (DUARTE, 2002, p. 14). Ou seja, a escola deve ser um espaço em que os alunos possam aprender técnicas e meios para decodificar todos os tipos de linguagem, incluindo a audiovisual. Dessa maneira, “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p. 17). Na nossa sociedade, não podemos desprezar as várias formas de linguagem pelas quais as pessoas se expressam, mas, sim, valorizá-las, aprendendo a utilizá-las de forma mais produtiva e criativa na escola e no cotidiano.

Nosso artigo baseia-se na pesquisa desenvolvida para o trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da Fundação Carmelitana Mário Palmério (FUCAMP) no ano de 2011. Esse trabalho teve como tema a relação entre cinema e educação, buscando perceber a utilização do recurso cinematográfico para a obtenção de aulas práticas e dinâmicas em uma escola da rede pública estadual, no município de Monte Carmelo, Minas Gerais. Realizamos uma pesquisa de campo com crianças dos 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, tendo como objetivo perceber como os professores utilizam o recurso cinematográfico. Buscamos averiguar se esse instrumento é utilizado como ferramenta no processo ensino-aprendizagem ou, simplesmente,

como mero divertimento para cobrir a falta de um professor.

O cinema e a educação

Nem sempre paramos para pensar como as tecnologias surgiram, evoluíram e chegaram aos dias atuais. Parece ser mais cômodo aceitar e, pacificamente, utilizar todos os recursos inventados pelo homem.

Assistir a um filme no cinema, na televisão ou em DVD, por exemplo, são práticas incorporadas de tal modo ao cotidiano de muitas pessoas que parecem estar aí desde sempre. Porém, essas práticas foram aprendidas. Nas primeiras projeções, não dispúnhamos de legendas nem de som, apenas de imagens em movimento para contar as histórias. (FABRIS, 2011, p. 118)

Esse autor faz alusão ao cinema de mais de 100 anos atrás no qual não havia nem mesmo legendas. Assim como o cinema tem passado por mudanças significativas ao longo dos anos, no âmbito da educação, isso não é diferente. Desse modo, face às mudanças, precisamos, cada vez mais, de meios de apoio para o processo ensino-aprendizagem. Um exemplo desses meios diz respeito às novas tecnologias.

As mudanças demorarão mais do que alguns pensam, porque nos encontramos em processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social. Não temos muitas instituições e pessoas que desenvolvam formas avançadas de compreensão e integração, que possam servir como referência. Predomina a média – a ênfase no intelectual, a separação entre a teoria e a prática. (MORAN, 2003, p. 16)

A partir desse trecho, refletimos sobre nossa situação humana de pensar as mudanças. Moran (2003) apresenta a idéia de que a diferença entre cada ser o transforma em um sujeito que vê a evolução como um processo ligado a seu momento pessoal e social. Diante de tal pensamento, é válido ressaltar que

há mais de um século o cinema encanta, provoca e comove bilhões de pessoas em todo o mundo. Dentre estes bilhões de pessoas que regularmente foram, vão e irão assistir a filmes na sala escura do cinema, certamente estão incluídos milhões de professores e alunos. Apesar de ser uma arte centenária e muitas vezes ao longo da história ter sido pensado como linguagem educativa, o cinema ainda tem alguns problemas para entrar na escola. (NAPOLITANO, 2003, p. 7)

Napolitano (2003), assim como Moran (2003), acredita nas mudanças, mas aponta para

O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula.

as dificuldades de aplicá-las em práticas de sala de aula. Cada autor, a partir do seu ponto de vista, tenta demonstrar como tem sido difícil trabalhar evolução e modernização em diversas áreas de nossas vidas, principalmente, na educação. Nessa perspectiva, queremos enfatizar o uso do cinema na educação como uma ferramenta que ajuda na produção de aulas práticas e dinâmicas. Assim, Fabris (2011) afirma que,

assistir a um filme, seja para entreter-se com ele, seja para analisá-lo, pressupõe aprendizagens específicas. Os filmes são produções em que a imagem em movimento, aliada às múltiplas técnicas de filmagem e montagem e ao próprio processo de produção e ao elenco selecionado, cria um sistema de significações. São histórias que nos interpelam de um modo avassalador porque não dispensam o prazer, o sonho e a imaginação. Elas mexem com nosso inconsciente, embaralham as fronteiras do que entendemos por realidade e ficção. (FABRIS, 2011, p. 118)

Partindo dessa citação, podemos afirmar que, mesmo quando por entretenimento, os filmes têm o poder de causar inquietação nos indivíduos que os apreciam, o que nos faz destacar Teixeira (2003), ao dizer que,

tomando por referência o produto, pode-se afirmar que um filme jamais permite um comportamento passivo por parte daqueles que deles se aproximam como expectador ou crítico. Ele convoca e obriga a quem o assiste a assumir uma posição diante do tema que vai se desdobrando durante sua projeção. Esse desdobrar-se do filme deve ser entendido, desde o início, como um convite a um diálogo. Por isso ele constrange a quem o assiste a se posicionar ativamente como interlocutor. Uma vez mergulhado para dentro do filme, o espectador se sente constrangido pelo modo como se acham articulados os diversos elementos significantes do filme a produzir no mínimo, uma interpretação, isto é, um outro discurso sobre o discurso cinematográfico. (TEIXEIRA, 2003, p. 30)

Mediante o exposto por Teixeira (2003) e Fabris (2011), entendemos que, sem querer ou intencionalmente, os filmes ajudam a prender a atenção e aumentar a interação dos alunos com os assuntos abordados em sala de aula, levando-os a produzir suas próprias interpretações sobre o fato narrado na película.

Para que os alunos consigam desvendar o que foi assistido, é preciso que o professor os permita tomar partido pelo que é apresentado a eles. Teixeira (2003, p. 30) nos explica isso ao dizer que “o sentido de um filme não se encontra numa gramática organizada pelo produtor, diretor ou atores, mas, com força descomunal, na gramática instituída pela inteligibilidade

aplicada pelos receptores”. Ou seja, não é o diretor ou atores que vão interpretar as mensagens do filme, mas o espectador, aquele que vê e decodifica o filme de acordo com sua experiência de mundo, seus interesses e sua capacidade de leitura da imagem audiovisual. Por sua vez, Fabris (2011) nos alerta sobre a importância de o professor tomar cuidado com os filmes que deseja aplicar, no sentido de não os tornar apenas como mero passatempo.

A área da comunicação contribuirá com os conhecimentos que dão conta da especificidade do cinema ou de qualquer outro artefato midiático que esteja sendo analisado, mas deve-se demarcar o foco das investigações em educação com questões e problemáticas que não sejam apenas interessantes, lúdicas ou consideradas temáticas da moda, mas temas necessários, úteis, inovadores, criativos. (FABRIS, 2011, p. 121)

Cabe ao professor como pesquisador estudar e encontrar o melhor meio de se trabalhar um dado filme, analisando a faixa etária dos alunos, o conhecimento prévio, a comunidade na qual está inserido, entre outros tantos fatores que devem ser observados pelo educador com o intuito de não perder o foco na educação. Duarte (2002) ressalta que,

até bem pouco tempo atrás, eram poucos os estudos que se preocupavam em entender o modo como o espectador faz uso dos conteúdos vinculados em produtos audiovisuais (filmes, novelas, seriados de tevê, propaganda etc.). Pensava-se que o receptor é alguém que recebe passivamente os conteúdos das mensagens transmitidas naqueles artefatos e que tem sua atividade intelectual bloqueada pela sutileza e pela complexidade da linguagem audiovisual. (DUARTE, 2002, p. 64)

Nesse trecho, podemos observar que os recursos audiovisuais na vida social e acadêmica das pessoas levam o modo de pensar a se tornar complexo. Assim, não é adequado utilizar filmes como “vídeo enrolação”. É preciso estudar, aprender, conscientizar e depois pôr em prática aulas produtivas com o uso do cinema, entre outras metodologias que utilizam ferramentas audiovisuais.

Duarte (2002, p. 87) argumenta que o problema da subutilização dos filmes na escola está ligado ao fato de “ignorarmos o valor e a importância deles para o patrimônio artístico e cultural da humanidade”, esquecendo-nos de que grande parte da população só conhece alguns acontecimentos históricos ou a vida de indivíduos que marcaram época por meio do cinema, com todas as complicações e anacronismos que isso implica. Como indústria e como arte, o cinema não pode ser ignorado pela educação, pois “a imagem em movimento tende a colocar

O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula.

ao alcance do espectador realidades e experiências muito distintas das dele. Além disso, esse recurso permite abordar o problema sob diversos aspectos e perspectivas” (DUARTE, 2002, p. 92) diferentes, destacando os múltiplos olhares que os alunos talvez não consigam desenvolver por meio de outras formas de representação artística.

Utilizando o cinema em sala de aula

Nesta parte do texto, apresentamos alguns pesquisadores e suas ideias de como utilizar o cinema em sala de aula, antes, durante e depois. Diante do que já abordamos, vamos contrapor as ideias de Marcos Napolitano às ideias das irmãs Grace Thiel e Janice Thiel. Desde já, consideramos importante deixar claro que, na grande maioria das vezes, o professor trabalha com obras que, inicialmente, não têm cunho pedagógico. Logo, cabe a esse profissional

concentrar nas possibilidades de trabalho escolar com o cinema comercial (ficção ou documentário) e não nos vídeos educativos ou nas produções televisuais. Portanto, vamos analisar e discutir obras que não foram produzidas diretamente para o uso didático em sala de aula, mas para a fruição estética na sala de projeção. Obras que foram produzidas para a chamada “película” de filme e depois convertidas para o formato VHS ou DVD, o que diga-se, tem permitido o seu uso escolar, com maior agilidade, bastando possuir uma TV e um videocassete ou aparelho de DVD. (NAPOLITANO, 2003, p. 11)

Diante de tais informações, compreendemos que o educador deve se preparar para não utilizar o cinema comercial de forma irregular em suas aulas. Para tanto, ele deve abordá-lo com um olhar diferenciado, direcionando o conteúdo do filme para o que almeja abordar com a turma. Assim, não há dúvidas da importância da utilização de novos mecanismos tecnológicos relacionados a vários assuntos de cunho educativo em sala, pensando numa interdisciplinaridade necessária a partir de gêneros textuais diferentes.

Entre os diversos gêneros textuais a serem explorados em sala de aula, merece atenção o filme (e sua linguagem característica), visto que, embora esteja incorporado às referências culturais da atualidade, é ainda uma “terra incógnita” para grande parte dos espectadores, pelo fato de que seus mecanismos e as estratégias, apropriadas à sua leitura ainda são pouco conhecidos. Nesse sentido, o professor pode explorar tais mecanismos e estratégias, para que os filmes não sejam somente apreciados como entretenimento, mas também como objeto de leitura no contexto educacional (THIEL; THIEL, 2009, p. 12)

Partindo dos pressupostos iniciais abordados por nós, apresentamos, a partir de agora, ideias e sugestões de como usar o cinema em sala de aula: o antes, o durante e o depois da exibição. A nosso ver, a preparação e o planejamento possibilitam o sucesso ou o fracasso na utilização do cinema em sala de aula. Nesse sentido, Napolitano (2003, p. 15) afirma que “uma das justificativas mais comuns para o uso do cinema na educação escolar é a idéia de que o filme ‘ilustra’ e ‘motiva’ alunos desinteressados e preguiçosos para o mundo da leitura”. Para ele, a utilização dos filmes nesse espaço deve ter como primeiro passo a escolha do filme e, a partir daí,

o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio de reflexão prévia sobre os seus objetivos gerais e específicos. Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades, técnicas e organizativas na exibição de um filme para a classe; articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino-aprendizagem. (NAPOLITANO, 2003, p. 16)

Outro fator a ser seguido pelos professores na utilização do cinema é ter a consciência de que seu papel é o de mediador e, portanto, deve promover a fruição e, também, “uma análise mais eficiente desse gênero, deve dialogar com os alunos sobre alguns elementos constitutivos do texto fílmico, propondo atividades variadas para que os alunos compreendam a obra como significativa” (THIEL; THIEL, 2009, p. 13).

Trabalhar com o cinema em sala de aula inclui a previsão de problemas técnicos e organizacionais. Nessa linha de pensamento, Napolitano (2003) aponta que o problema mais comum é o não funcionamento dos aparelhos necessários para a projeção do filme. Para que isso não aconteça, o professor deve antes testar a aparelhagem disponível na escola.

O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula.

Outro problema comum é planejar o uso de um filme que você, professor, assistiu há dez anos, achou maravilhoso e adequado para a sua matéria, e descobrir, também em cima da hora, que ele está fora de catálogo ou não existe em nenhuma locadora em um raio de cem quilômetros. Para evitar a substituição improvisada do filme, basta mapear com antecedência sua existência no seu bairro ou na cidade (ou em acervos de videotecas públicas ou privadas). (NAPOLITANO, 2003, p. 17)

Antes de aplicar o filme, é importante, também, “contextualizar as obras selecionadas” e, nesse sentido, propor “pesquisa e discussão sobre o gênero dos filmes que serão vistos” (THIEL; THIEL, 2009, p. 27). Essa contextualização faz-se necessária para que os alunos identifiquem a linguagem estética utilizada no filme, podendo melhor analisar as ideias nele presentes. Para tanto, o professor pode pedir que os alunos pesquisem o tipo de gênero do filme em revistas especializadas ou em sites de cinema.

Quando o professor opta por trabalhar com filmes em suas aulas, precisa estar sempre atento à faixa etária de seus alunos e, também, ao fato de como e o que abordar. Nesse sentido, Napolitano (2003, p. 25) aponta que “o aluno pré-adolescente começa a desenvolver um olhar sobre o mundo e suas regras de funcionamento, percebe as diferenças entre os vários sistemas culturais, épocas históricas e civilizações extintas”. Assim, a adequação à faixa etária dos alunos é indispensável para que a utilização do recurso fílmico seja bem-sucedida. Não é suficiente apenas que o professor goste do filme e/ou ache o tema adequado se os alunos não se identificarem com o gênero do filme, sua linguagem, sua velocidade, etc. É preciso analisar, portanto, se o filme não contém cenas impróprias para a faixa etária dos alunos, em especial nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Cenas que tratem de sexo, violência extrema, ações de desrespeito à família e ao outro, por exemplo, devem ser evitadas. É necessário ainda que o professor

não reduza a atividade a somente “passar um filme” para seus alunos, e que estes não somente indiquem se dele gostaram ou não. Isso porque o simples ato de “passar um filme”, sem que se torne significativo para os alunos, equivale, por exemplo, a manusear um livro sem que este seja lido, isto é, o aluno vê, mas não lê. Então, se o professor simplesmente “passar o filme”, o filme vai passar! (THIEL; THIEL, 2009, p.13)

Podemos observar que os pesquisadores estudados têm ideias semelhantes em relação ao fato de que não basta passar um dado filme, é preciso de um trabalho de início, meio e fim

que possibilite aos alunos fluir todo o conteúdo estético, social, cultural e pedagógico que o filme pode oferecer. Cabe ao professor saber o conteúdo e a adequação de idade, bem como o preparo dos equipamentos e outros fatores que auxiliam uma boa aula utilizando o recurso cinematográfico.

Um primeiro momento da análise de um filme implica observação dos seus elementos constitutivos, que serão isolados e descritos. O momento seguinte é o da interpretação, realizada com argumentos que a fundamentem. Dessa forma, a análise do filme não será um “achismo”, nem será conduzida a fim de se comprovar uma tese pré-estabelecida. Apesar disso, a interpretação ainda será subjetiva, pois o olhar singular de cada espectador fará com que destaque certo elemento, teça relações com outros textos (fílmicos ou não) de seu repertório e, principalmente, utilize seus conhecimentos e experiências para construir as significações daquilo que lê/vê/ouve. (THIEL; THIEL, 2009, p. 21)

O professor, conforme seus diversos papéis importantes, tem como função, por exemplo, garantir aulas instrutivas e proveitosas aos seus alunos. Vale ressaltar que o mundo no qual estamos inseridos permite informações e saídas tecnológicas de teores inimagináveis e com velocidades incomparáveis. Diante de tais questões, precisamos escolher temas que façam de nossos alunos analistas.

Como analista, o aluno desenvolve olhar inquiridor e ouvidos atentos, e estará apto a ler imagens, as lacunas existentes, os sons e o silêncio. Além disso, por meio da análise e da interpretação de filmes (fruição) e do prazer que proporcionam, os alunos estarão desenvolvendo uma relação com o cinema como arte do espírito, o que assegura a compreensão do cinema como arte. (THIEL; THIEL, 2009, p. 22)

É necessário que o professor, na utilização de filmes em sala de aula, teça algumas verificações.

Em primeiro lugar, se a maior parte dos alunos envolvidos possuir aparelho de videocassete ou DVD em casa, é mais produtivo eles assistirem ao filme na íntegra fora do horário de aula. Divida os alunos em grupos de trabalho e solicite, como tarefa e atividade de estudo, a assistência do filme selecionado, sistematizando-a na forma de relatório escrito a partir de um roteiro. Ela não deve ser informal e descomprometida, e sim indexada a um trabalho escrito (ainda que em grupo). (NAPOLITANO, 2003, p. 81)

O professor deve levar em consideração o que trabalhar em um filme, como abordá-lo e por quê. Os alunos não devem ser tratados como meros depósitos de informações. Nesse

O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula.

sentido, o educador deve trabalhar com filmes que tenham significado pedagógico para o futuro dos alunos ou mesmo para suas ânsias relacionadas a incógnitas de seus presentes.

Esse profissional deve ter a sensibilidade de perceber quais gêneros interessam à turma, pois a estética de um filme influencia no seu entendimento. Como as crianças estão acostumadas à velocidade dos games e da internet, passar filmes mais lentos e com temáticas muito densas pode não atrair a atenção delas. Entretanto, o professor pode fazer um trabalho prévio de instrumentalização dos alunos para que estes percebam que todo filme é datado e produzido de acordo com o seu tempo e, portanto, traz em si a estética e a temática de um dado momento. Os filmes de Charles Chaplin e Mazaropi, por exemplo, são, para os dias de hoje, muito “lentos” para os alunos, podendo fazer com que estes os rejeitem. Porém, se o professor mostrar que um filme como “Tempos Modernos” tem uma importância histórica e quem era seu personagem e diretor (Chaplin), os alunos podem passar a ver o filme com outros olhos e a entender a proposta nele contida.

Outra questão que o professor deve analisar e trabalhar é a mensagem ideológica presente em todo e qualquer filme. Uma comédia pode tratar de temas polêmicos por meio do cômico, da subversão da ordem e do riso, como o filme “Eu os declaro marido e Larry”, que trata da homofobia, mas de uma forma leve, engraçada, não ofensiva e que pode ser um instrumento para discussão em sala de aula. Por outro lado, filmes mais densos podem trazer informações históricas e sociais que auxiliam os alunos a perceber realidades que já não existem em nosso tempo, como o filme “Amistad”, que trata de uma rebelião de negros escravizados e da organização do sistema legal. É um filme denso que fornece aos alunos subsídios para a discussão acerca da escravização dos negros e da necessidade de superar preconceitos estabelecidos.

De modo geral, assim como o professor leva os alunos a gostar de ler qualquer gênero textual, também cabe a esse profissional construir uma ponte entre o conhecimento comum dos alunos sobre filmes, levando-os a ver estes como representações da sociedade em que vivemos e como formas artísticas que refletem dramas, problemas, projetos e questionamentos da sociedade que os produz e os divulga.

Resultados da pesquisa de campo

No decorrer de três anos, coletamos dados numa escola pública de Ensino Fundamental para que o nosso tema de pesquisa fosse desenvolvido. Tal escola conta com uma ótima infraestrutura. Há cerca de 200 alunos divididos em dois turnos, matutino e vespertino, professores dedicados, uma ótima biblioteca, televisão, aparelho de DVD, videocassete, enfim, todos os materiais necessários para uma boa aula de vídeo.

No que diz respeito às aulas de vídeo na referida escola, os casos mais comuns que pudemos vivenciar são as chamadas “aulas de vídeo”. Acontecem da seguinte maneira: a cada semana, um aluno leva e compartilha com os colegas algum filme de sua preferência. A professora observa a indicação do vídeo e, em seguida, o filme é assistido pelos alunos. Após o término da atividade, o máximo que pode ocorrer é um bate-papo e um desenho livre sobre o assunto. Não se tem um cunho pedagógico montado, nem um projeto estruturado e nem avaliação relacionada às atividades trabalhadas em sala de aula.

A escola deve ter papel fundamental na formação do caráter e da cidadania do sujeito homem. É preciso montar projetos que demonstrem que há, por exemplo, na relação com filmes piratas, traficantes, assassinos, enfim, criminosos de todos os níveis. Apesar de questionamentos existentes acerca de altos preços de CDs e DVDs originais, isso não pode mais ser levado em consideração nos dias atuais, tendo em vista as promoções de bons filmes originais de preços acessíveis. Cabe ao mestre buscar alternativas que possam variar entre alugueis em locadoras e até mesmo compras coletivas, as quais seriam feitas com a colaboração de cada aluno, podendo ocorrer a montagem de uma DVDTECA nas escolas³. Nesse sentido, é necessário observar as condições de cada escola, em que bairro está inserida e a realidade da maioria de seus alunos, pois algumas escolas possuem alunos de classes sociais menos favorecidas, o que dificultaria a compra coletiva de vídeos. Não é o caso da escola observada, já que, apesar de ser composta por alunos da classe média, usa e abusa de filmes piratas sem nenhuma preocupação com a formação cidadã de seus alunos.

³ Vale destacar que o MEC (Ministério da Educação e Cultura) tem enviado regularmente pacotes de vídeos apresentados no canal governamental TVESCOLA às escolas, sendo que alguns desses vídeos são de excelente qualidade estética e pedagógica.

O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula.

Durante nossas observações, pudemos notar que diferentes filmes eram utilizados como uma espécie de “vídeo enrotação”, principalmente no caso de professoras eventuais. Sempre que, por algum motivo, um professor não ministrava sua aula, uma professora eventual da escola reunia a turma e encaminhava para a biblioteca, a qual possui uma televisão e um aparelho de DVD. A professora, levando-se em conta o acervo da escola e das casas dos próprios alunos, permitia a escolha do filme a partir de suas preferências.

Apenas uma das educadoras da escola observada seguiu parte do que é recomendado pelos estudiosos sobre o assunto filmes em sala de aula. Ela utilizou, em sua aula com alunos do 5º ano, o filme da Disney “A Princesa e o Sapo” para tratar do preconceito entre raças. A iniciativa surgiu após um episódio ocorrido em sua sala, episódio esse em que um aluno usou um xingamento racista com um colega. Após o episódio, a professora procurou um meio de mostrar para os alunos que o racismo, o preconceito e a discriminação não devem existir e optou por montar um projeto no qual o centro das atividades foi o filme “A princesa e o sapo”. Depois da exibição do filme, a educadora conduziu uma rodada de discussão sobre a história, buscando relacionar o que aconteceu no filme ao preconceito contra as minorias sociais e raciais. Ao final da discussão, sugeriu que os alunos fizessem um texto sobre o entendimento que tiveram acerca do filme assistido, levando-os a refletir sobre como o preconceito é prejudicial à sociedade e aos relacionamentos entre colegas.

No trabalho de campo, elaboramos e aplicamos um questionário destinado às professoras presenciais e eventuais. As respostas foram divergentes em relação à realidade presenciada por nós na escola. As professoras observadas em períodos variados, durante estágios ou visitas realizadas com outros intuitos acadêmicos, não percebiam que estavam sendo observadas e seguiam suas aulas naturalmente. Como dissemos anteriormente, algumas vezes, presenciamos, por parte das professoras eventuais, a utilização de filmes, porém sem nenhum teor pedagógico. Entretanto, as professoras, de uma maneira geral, responderam ao questionário como se dominassem a utilização do cinema em suas aulas, tendo um projeto e um objetivo pedagógico ao passar um filme para os alunos. Outras disseram não ter respaldo da direção da escola para utilizar esse tipo de metodologia em suas aulas, afirmando ser difícil conter os alunos, já que estes promovem uma grande dispersão dos assuntos que realmente são indispensáveis para a obtenção de bons resultados em sala de aula.

De modo geral, percebemos, por meio do questionário, que as professoras presenciais e

eventuais marcaram respostas que não refletiram a realidade da utilização do recurso fílmico. Ao analisar as respostas, pudemos notar que algumas delas não condizem com o que foi presenciado em sala. Por exemplo, quando perguntado a uma professora eventual se ela utilizava filmes apenas para suprir a falta de algum profissional, ela respondeu que não. Ademais, quando questionadas se possuíam um planejamento para o antes, o durante e o depois do filme, elas responderam que sim. No entanto, não presenciamos nenhum projeto desenvolvido, salvo o da professora que utilizou “A princesa e o sapo”. Geralmente, as aulas de vídeo são realizadas sem conotações pedagógicas posteriores.

Perguntamos às professoras presenciais se adequavam os filmes ao que os alunos estavam estudando e a suas faixas etárias. Elas responderam que sim, mas, infelizmente, isso não foi comprovado durante nossas observações, pois, quando realizam as aulas de vídeo, tais professoras não se preocupam em saber previamente que filme os alunos vão levar para passar para a turma. Outra questão levantada diz respeito ao gênero de filme mais utilizado. A maioria das professoras mencionou o desenho, o que procede, posto que a maioria dos filmes passados na escola para os alunos são desenhos. Percebemos que as professoras presenciais até acham que o cinema é um recurso valioso, mas elas não têm direcionamento ao utilizá-lo, perdendo uma oportunidade de propiciar aos alunos a possibilidade de transitar por um gênero textual muito produtivo.

Considerações finais

Diante de todos os passos acima citados, notamos que as pesquisas com teor acadêmico dentro de escolas são necessárias, isso tanto na rede pública quanto na rede privada, pensando, por exemplo, na utilização do recurso cinematográfico em sala de aula. O auxílio de outros estudiosos sobre assuntos educacionais, juntando-se à experiência e à prática existentes nas escolas, é uma ferramenta importante para um bom aprendizado e andamento da escola como um todo.

Sob nossa perspectiva, se os professores fizessem um trabalho mais pedagógico com o audiovisual, poderiam auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, possibilitando-os recontar oralmente um dado filme, bem como criar uma ilustração sobre ele e construir, oralmente e por escrito, um final alternativo para a história, o que

O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula.

ativaria sua criatividade e outras habilidades necessárias para a decodificação de outros gêneros textuais.

Consideramos válido ressaltar que, apesar de não terem tanto entusiasmo com tecnologias e inovações, os professores, de certa forma, demonstram boa vontade no que fazem, mesmo não tendo um planejamento na utilização de filmes em sala de aula. Talvez o que falte seja a presença de especialistas da educação que direcionem e incentivem os educadores para o fato de que um filme pode ser rico em potencial pedagógico quando bem explorado. Além disso, as escolas poderiam propor minicursos sobre como utilizar filmes, segundo uma visada pedagógica, permitindo a esses profissionais uma instrumentalização melhor acerca de como proceder ao montar um projeto relacionado à linguagem audiovisual.

Referências

DIAS, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FABRIS, Eli Henn. **Cinema e educação: um caminho metodológico**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/viewFile/6690/4003>> Acesso em 20/03/2011.

MACHADO, João Luís de Almeida. **Na sala de aula com a sétima arte**. São Paulo: Editora Intersubjetiva, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORAN, José Manuel. et. al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro (org.). **A escola vai ao cinema**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

THIEL, Grace Cristiane; THIEL, Janice Cristine. **Movies takes: a magia do cinema na sala de aula**. Curitiba: Aymar, 2009.